Algodão: nova fase de recuperação?

A produção brasileira de algodão apresenta crescimento pela segunda vez consecutiva, após o péssimo desempenho da safra 1992/93. Estimativas apontam para um crescimento de 23% com relação à safra passada, atingindo aproximadamente 600 mil toneladas de algodão em pluma.

Há tempos que a cotonicultura nacional vem passando por uma crise de generalizado desestímulo. A produção brasileira, que já chegou a atingir mais de 3 milhões de toneladas de algodão em caroço, hoje encontra-se reduzida a 1/3. As baixas cotações que os produtores enfrentaram tanto no mercado interno como no externo explicam boa parte da crise da cotonicultura, não só dentro do país, mas também em nível mundial. No caso do Brasil, a situação foi agravada ainda mais pelo programa de abertura comercial iniciado no governo Sarney e acelerado pelo governo Collor, quando as alíquotas de importação do produto foram simplesmente zeradas (em 1986, as tarifas aduaneiras para o algodão em pluma eram de 55%; em 1988, caíram para 10%). Esses cortes tarifários, no entanto, ocorreram de maneira isolada, não havendo preocupação em ser concedido algum tipo de suporte, por meio de política agrícola específica, que visasse reorientar a produção de algodão.

Apesar deste panorama negro, esboça-se desde a safra passada uma tendência de reversão. A rentabilidade do algodão chegou a superar a das culturas concorrentes, como a soja e o milho. O consumo crescente e a escassez da oferta mundial do produto têm favorecido a recuperação das deprimidas cotações. Além do fator preço, o produtor brasileiro, para a atual safra, contou com o estímulo de dois fatores relevantes: a expectativa do retorno das alíquotas de importação para o algodão e a facilidade do crédito de custeio (100% do valor básico de custeio — VBC — foram financiados sem distinção da classe do produtor rural, além da garantia da equivalência-produto para quitação dos débitos). Segundo levantamento do Departamento de Economia Rural do Paraná (Deral) junto ao Banco do Brasil, 85% dos micro e pequenos produtores do Paraná foram atendidos com o crédito rural, com recursos provenientes do Tesouro Nacional.

Colheita e perspectivas de comercialização da safra 1994/95

O reflexo das condições climáticas adversas no período do plantio da safra foi inevitável, atrasando a colheita, concentrando-a num único mês (em março) e afetando a qualidade da fibra. No Paraná, por exemplo, até a primeira semana de março, apenas 5% da área plantada foram colhidos, quando normalmente, no mesmo período, esta proporção passaria dos 25%. Em São Paulo, um dos estados mais afetados pela seca do 3º trimestre de 1994 e pelas fortes chuvas de dezembro e janeiro, a situação ficou um pouco mais crítica, principalmente na região de Araçatuba, onde se aguarda forte queda na produtividade. O perigo de uma eventual quebra de safra, no entanto, está afastado, visto que os ganhos de produtividade e o grande aumento da área plantada em regiões como o Centro-Oeste compensarão as perdas no Sul-Sudeste do país.

Mesmo com a concentração do período de colheita e o estabelecimento da alíquota de importação para o algodão abaixo do esperado (acertou-se que para este ano vigirá uma alíquota de apenas 1%, sendo aumentada linearmente até o ano 2000, quando atingirá 6%), trabalha-se com a perspectiva de que as cotações internas continuem pressionadas para cima. Os elevados níveis das cotações internacionais, bem como a desvalorização cambial promovida em março pelo Banco Central, devem frear o ritmo das importações durante a colheita, aumentando a procura do produto brasileiro. Embora o algodão nacional não apresente a desejada qualidade do produto internacional, o diferencial de preços, que chegou a US$0,07/lb em fevereiro (o que representa US$154,00/t), ajudará a compor os custos de produção da indústria têxtil nacional (ver gráfico).

Rentabilidade do algodão mais uma vez supera culturas concorrentes

Paraná – comparativo de rentabilidade das culturas do algodão, milho e soja

Especificação	Algodão	Milho	Soja
Produtividade (kg/ha)	1.800	3.000	2.160
Custo total (R$/15kg)	5,79	9,83	12,10
Custo variável (R$/15kg)	3,98	5,59	6,78
Preço recebido[1] (R$/15kg)	6,27	4,03	8,38
Preço mínimo[2] (R$/15kg)	5,52	6,32	8,14
Rentabilidade			
Custo total (%)	8,29	-59,00	-30,74
Custo variável (%)	57,54	-27,91	23,60

Fonte: Departamento de Economia Rural do Paraná (Deral).

[1] Situação em 15 de março. Média das principais regiões produtoras. Fonte: Sima.

[2] Valor fixado em setembro de 1994 e mantido para a comercialização da safra.

Obs.: 15kg = 1 arroba (@).

Reforçando esta tendência de alta das cotações, o balanço interno de oferta e demanda ainda é extremamente deficitário. Mesmo com o aumento da produção interna, esta ainda é 34% menor que o consumo nacional, estimado em 900 mil toneladas. Do lado do consumo, trabalha-se com expectativas favoráveis, uma vez que o setor têxtil

Estatísticas mundiais do algodão em pluma

Taxas de crescimento com relação à safra passada e projeções para janeiro

Região		Estoques iniciais (1.000t)	Produção (1.000t)	Área (1.000ha)	Produtividade (kg/ha)	Consumo doméstico (1.000t)	Estoques finais (1.000t)
	Janeiro	6.518,67	18.291,02	32.610,00	573,00	18.748,24	6.220,38
Mundo	Fevereiro	6.562,21	18.297,55	32.330,00	566,00	18.504,39	6.579,63
	Tx. cresc. (%)	-19,28	9,24	6,07	2,91	0,16	0,27
	Janeiro	768,57	4.295,70	5.440,00	783,00	2.394,97	696,72
EUA	Fevereiro	768,57	4.295,70	5.390,00	796,00	2.416,74	587,86
	Tx. cresc. (%)	-24,25	22,32	4,26	17,23	6,53	-23,23
	Janeiro	1.844,13	4.245,62	5.550,00	812,00	4.615,76	1.757,04
China	Fevereiro	1.844,13	4.245,62	5.550,00	765,00	4.463,35	2.159,83
	Tx. cresc. (%)	-31,36	13,37	11,00	2,14	-1,91	17,26
	Janeiro	418,03	1.306,35	2.800,00	490,00	1.371,66	472,46
Paquistão	Fevereiro	418,03	1.306,35	2.820,00	463,00	1.371,66	461,58
	Tx. cresc. (%)	-11,11	-4,46	0,36	-5,12	-3,08	10,99
	Janeiro	544,31	2.177,24	7.700,00	283,00	2.220,79	489,88
Índia	Fevereiro	561,73	2.133,70	7.700,00	283,00	2.209,90	572,62
	Tx. cresc. (%)	-11,64	2,08	5,19	-1,05	2,32	2,73
	Janeiro	209,02	1.273,69	1.500,00	871,00	195,95	121,93
Usbequistão	Fevereiro	209,02	1.306,35	1.500,00	848,00	195,95	121,93
	Tx. cresc. (%)	-48,11	-3,85	-7,98	1,56	-3,23	-41,67
	Janeiro	352,71	500,77	1.350,00	371,00	849,12	370,13
Brasil	Fevereiro	352,71	500,77	1.350,00	371,00	849,12	370,13
	Tx. cresc. (%)	-24,30	23,66	23,85	-0,54	3,45	4,97

Fonte: USDA. World Agricultural Supply and Demand Estimates e World Agricultural Production.
Obs.: os dados de produtividade referem-se ao algodão em caroço. As projeções para área e produtividade referem-se aos meses de dezembro de 1994 e janeiro de 1995.

reage positivamente ao sucesso do plano de estabilização econômica. As estimativas da Conab apontam para uma taxa de crescimento neste ano em torno de 6%, ou seja, mais que o dobro do crescimento verificado entre 1993 e 1994.

Para que a comercialização da safra possa transcorrer de forma tranqüila falta somente o governo tornar disponíveis os recursos em tempo e em volume suficiente para os contratos de empréstimos do governo federal (EGF). Esta é a garantia que resta, uma vez que, mesmo não tendo sido corrigido, o preço mínimo fixado em setembro de 1994 (R$5,52/15kg) já é suficiente para cobrir os custos variáveis de produção (R$3,98/15kg), segundo estimativas do Deral. Os preços recebidos pelo produtor em meados de março, R$6,30/15kg, já garantem ao cotonicultor uma rentabilidade próxima aos 60% (com relação aos custos variáveis), bem superior à das culturas concorrentes, como o milho e a soja, que apresentam, respectivamente, rentabilidades de -28% e 24% (ver tabela). Se for esse de fato o desempenho da cultura até o final da colheita, será novamente um forte estímulo para o plantio da safra seguinte que, segundo estimativas, deve ser 20% maior em termos de produção.

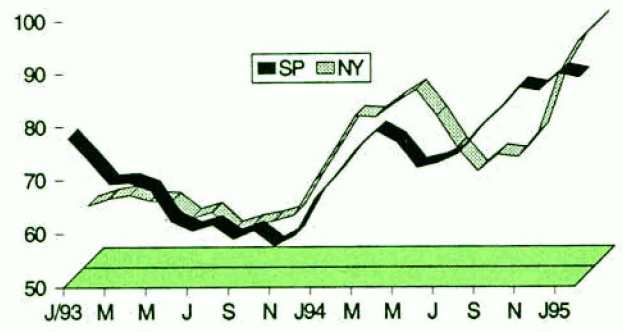


Os altos níveis das cotações internacionais e a desvalorização cambial promovida em março pelo Banco Central devem frear o ritmo das importações durante a colheita, aumentando a procura do produto brasileiro.

A sustentação das cotações internacionais

De acordo com as projeções divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos EUA (USDA), espera-se que os elevados níveis das cotações internacionais de algodão se sustentem ao longo de todo 1995, em função da manutenção do quadro de escassez do produto (ver tabela). Embora seja aguardada uma produção mundial 9,24% superior à do ano passado, o volume ainda não é suficiente para suprir a demanda mundial estimada em 18,5

Evolução das cotações domésticas e internacionais do algodão em pluma
(em US cents/lb)



Fonte: BM&F e *Gazeta Mercantil*.

milhões de toneladas. Além disso, os estoques mundiais, bem como a relação estoque/produção, continuam muito baixos, o que seguramente pressiona as cotações. Ademais, nessas projeções, conta-se com o aumento da área cultivada e da produção de três dos cinco maiores produtores mundiais, como EUA, China e Índia. À exceção dos EUA, China, Índia e outros dois grandes produtores, como Paquistão e Usbequistão, ainda apresentam problemas de ordem econômica, fitossanitária e ambiental. Tais problemas afetam diretamente a produtividade, havendo por conseguinte espaço para que as previsões do USDA sejam revistas para baixo ao longo deste ano.

A rentabilidade do algodão sobre os custos variáveis já chega aos 60%, contra -28% para o milho e 24% para a soja.

Quanto ao consumo, a continuidade do crescimento dependerá, assim como no Brasil, exclusivamente do sucesso dos planos de estabilização econômica que estão em curso em importantes países produtores de algodão, como a China, os países do Leste europeu e os países da ex-URSS. No caso da economia chinesa, que é responsável por 25% do consumo mundial de algodão, qualquer decisão na área econômica que resulte num aumento do consumo terá forte repercussão no mercado internacional.

As perspectivas para a cultura são boas. Uma análise do consumo industrial de fibras têxteis no Brasil[1] mostra que, apesar da crescente participação das fibras sintéticas na produção têxtil, as fibras de algodão mantiveram sua participação no consumo global em 64% durante um longo período de 30 anos. O espaço ocupado pelas fibras sintéticas ou artificiais foi cedido por outras fibras naturais, que tiveram uma forte redução em seu uso. Mesmo não havendo previsões de que o mundo venha a sofrer num curto prazo de tempo novo colapso na oferta de petróleo, a utilização de fibras naturais na confecção de roupas vem sendo incentivada por entidades ambientalistas de peso, como o Green Peace, que divulgam o chamado algodão orgânico. Pode parecer inexpressivo, mas muitos mercados dos países desenvolvidos vêm exigindo cada vez mais que os produtos importados tenham sido produzidos dentro de rigorosos critérios ambientais. Não obstante, vale ressaltar que a próxima Rodada do Gatt, agora sob o comando da Organização Mundial do Comércio (OMC), será dedicada ao comércio internacional e ao meio ambiente.

Além desta perspectiva industrial, a recuperação da cotonicultura nacional está sendo uma das metas de um acordo firmado entre o governo federal, empresas privadas e entidades de classe, com o intuito de assegurar o desenvolvimento do setor têxtil em face dos agressivos padrões do setor no mercado internacional.[2] Frutos deste acordo já foram colhidos quando foi anunciada a política para a safra 1994/95. No entanto, ainda há muito por fazer até que a produção e a qualidade do algodão nacional sejam recuperadas.

GUILHERME SORIA BASTOS FILHO

[1] Ver Gonçalves, José Sidney. O comportamento dos mercados de algodão no pico da safra 1992/93. *Informações Econômicas*, *23* (7), jul. 1993.
[2] Ver Hurst, Marlene & Sarno, Vitor. *Cotonicultura baiana e indústria têxtil*. Salvador, Fundação Centro de Projetos e Estudos, 1994.

ARROZ

Abastecimento tranqüilo em 1995

De modo geral, as condições climáticas foram satisfatórias nas principais regiões produtoras e o país deverá colher uma boa safra em 1995.

De acordo com os prognósticos da Conab divulgados em fevereiro, esta deverá ser a melhor safra dos últimos seis anos, perfazendo um total de 11,4 milhões de toneladas do produto em casca.

Segundo a publicação *Safras e Mercados*, à exceção de alguns problemas climáticos localizados, o clima foi muito favorável este ano ao arroz, cujo plantio é amplamente disseminado por todo o território nacional. Na região Centro-Oeste, a escassez de chuvas na época normal de plantio provocou atraso na semeadura em algumas localidades. Conforme a Cooperava, de Tocantins, cerca de 5% da área que seria cultivada com o produto no seu espaço de atuação deixaram de ser plantados por desistência dos agricultores em razão da seca. Entretanto, posteri-